

COIMBRA (Sé Nova)

A igreja de São Salvador ou do Salvador de Coimbra foi edificada na parte alta da antiga cerca da almedina, paralela à próxima igreja de São João. Localiza-se no largo com o mesmo nome e dista cerca de 200 m a nordeste da Sé Velha. A partir do Largo da Sé Velha, subir pela rua do Cabido até à rua de São Salvador e aceder ao pequeno largo com o mesmo nome, onde se encontra a igreja do Salvador. O seu enquadramento é urbano encontrando-se envolvida por edifícios particulares, de caráter habitacional. Atualmente, e após a reorganização administrativa de 2013, a igreja do Salvador localiza-se na designada União das freguesias de Coimbra (Sé Nova, Santa Cruz, Almedina e São Bartolomeu).

Igreja do Salvador

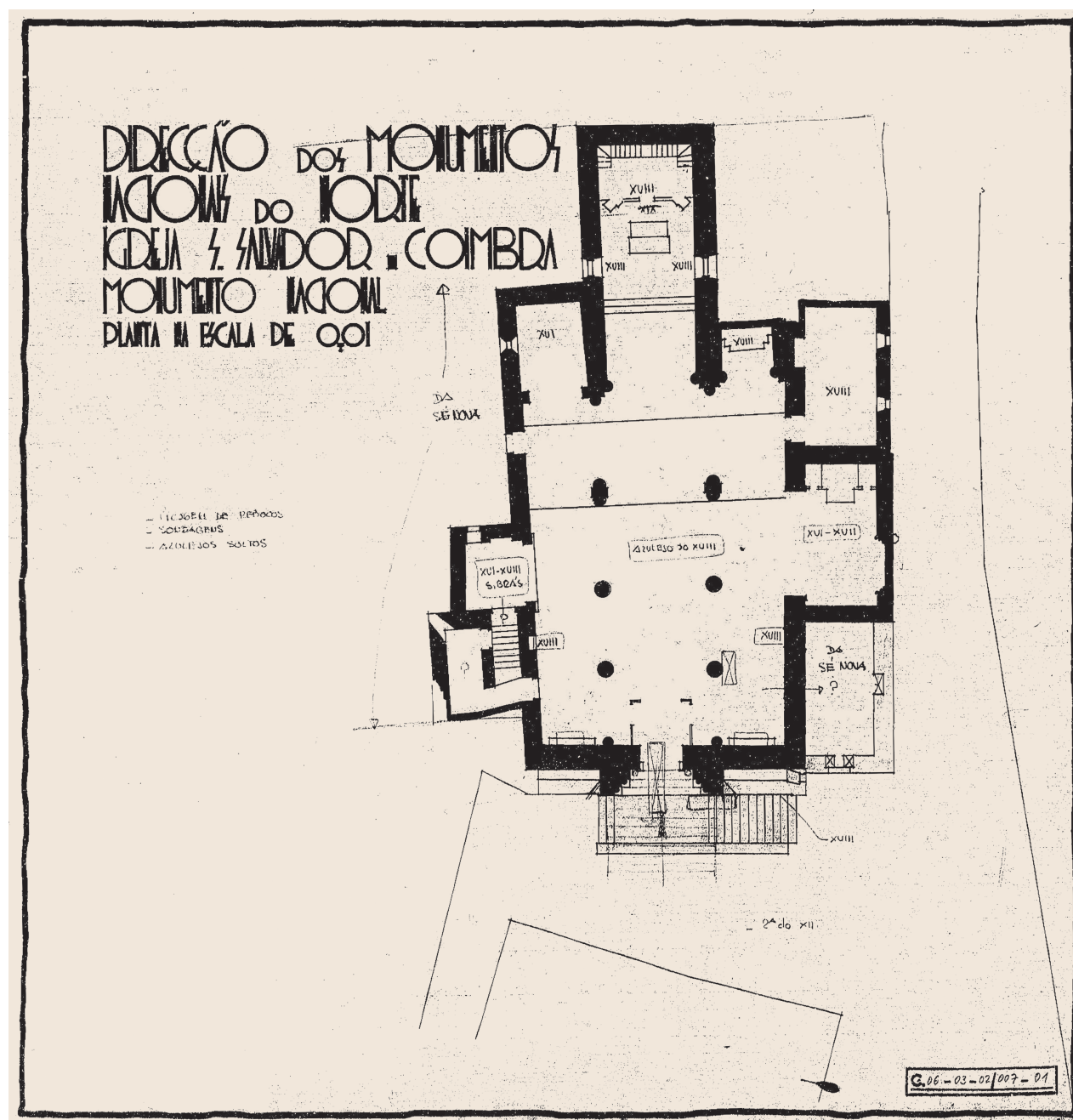
A IGREJA DE SÃO SALVADOR já era referida em 1064, aquando da conquista de Coimbra por Fernando Magno, o que prova que a sua construção era anterior. Segundo o inventário de bens do mosteiro da Vacariça, a igreja de São Salvador localizava-se extramuros da cidade de Coimbra, pertencia ao referido mosteiro e aí viviam monges. Conhece-se ainda uma doação de bens, datada de 1093. Estes documentos comprovam a existência de uma igreja moçárabe com a mesma invocação, em

local não muito distante da atual igreja, do tempo da Reconquista da cidade de Coimbra por Fernando Magno. Em 1094, quando o Conde D. Raimundo doa o mosteiro da Vacariça e todos os seus bens à sé de Coimbra, a igreja de São Salvador passa para a catedral.

A paróquia de São Salvador surgiu extramuros, juntamente com as freguesias de São João de Almedina, de São Pedro e de São Cristóvão, de São João de Santa Cruz, de São Bartolomeu, de Santiago e de Santa Justa. Dentro de



*Perspetiva geral
da igreja. Alçados
oeste e sul*



Planta (Desenho
SIPA-DGPC)

muros havia apenas a freguesia da Sé. Era na paróquia de São Salvador, bem como nas da Sé, de São João de Almeida e de São Cristóvão, que as elites dirigentes e eclesásticas erguiam as suas residências.

De 1179 data uma inscrição, versificada, comemorativa da construção do portal românico da igreja de São Salvador. Segundo a leitura proposta por Mário Barroca,

+ STEPHANVS / [m]ARTINI SVA / SPONTE FECIT :
HVNC / PORTALEM : LETA / FRONTE : E(ra) :
M : CC : / XVII : ET : OD[...]

A construção do portal foi feita a expensas de D. Estêvão Martins, referido como um dos quatro alvazis de Coimbra, numa sentença de 1179. Em 1195, o mesmo alvazil ainda surge como testemunha de um diploma de D. Sancho I. As obras românicas ter-se-ão prolongado por mais uma década, pelo menos. Há testamentos de 1189 que ainda contemplam as obras da igreja de São Salvador.

Na lista de igrejas mandada compilar por D. Dinis, entre 1320 e 1321, as igrejas da cidade de Coimbra são taxadas em valores que oscilam entre as 80 e as 650 libras. A igreja priorado de Santa Justa pagava o valor mais baixo,

80 libras. A colegiada de São Salvador pagava 250 libras e a igreja de Santiago pagava o valor mais elevado, 650 libras. Destacava-se, contudo, o mosteiro de Santa Cruz taxado em 21 000 libras.

O prior António da Costa Pacheco afirma, em 1758, que a igreja de São Salvador fora mosteiro de monges beneditinos, unido ao da Vacariça pelo bispo D. Maurício. Era composta por três naves, tinha cinco altares e era igreja colegiada. Tinha a freguesia 290 fogos e 900 pessoas.

Orientada, a igreja do Salvador de Coimbra apresenta um enquadramento urbano, adossando-se a esta diversos edifícios, que dificultam a legibilidade dos seus alçados laterais. Conserva ainda grande parte da sua fábrica românica. A norte, ao nível do terceiro tramo da nave rasga-se a capela de São Brás e a sul, confrontante, a capela dos Barros, ambas edificadas na época moderna. A igreja tem ainda duas sacristias. Composta por três naves de quatro tramos e transepto inscrito. Tal como na igreja de Santiago de Coimbra, os tramos da nave são delimitados por soluções estruturais diferenciadas. Nos primeiros, os arcos

formeiros que sustentam a cobertura em madeira das naves repousam sobre altas colunas com tambor circular e capitéis esculpidos. Junto do transepto, os pilares têm já um arranjo mais erudito, sendo compostos por um pilar central com secção quadrangular a que se adossam, em dois dos lados, meias colunas. A cabeceira é tripartida. A abside é retangular, tem abobada de berço e foi profundamente ampliada na época moderna. Os dois absidiólos que a ladeiam, também têm testeira reta. Contudo, o absidiólo do lado da Epístola, mais curto, segundo alguns autores poderá conservar a sua espacialidade original intacta, pois que o outro, do lado do Evangelho, apresenta uma configuração bem mais profunda, resultante de uma ampliação e que uma abobada de caixotões de feição clássica confirma. Trata-se da capela de São Marcos, cujo altar de pedra de Ançã é renascentista, da autoria de João de Ruão. Embutida na face interna da parede norte da mesma capela, existe uma lápide com uma cruz de sagração ao centro e uma inscrição comemorativa da reforma românica da igreja colegiada de São Salvador, onde se lê:

Alçado oeste. Portal



EGO : VERMVDVS : VERMVDI : ACCEPI / [is]TVM
 MONVMENTVM / X : II : DIES : TR(a)NSACTIS : DE :
 <APRILIS> / ERA : M^a : CC^a : XX^a : III^a :

Segundo Mário Barroca, a presença da cruz de sacração sugere que a data da inscrição, 12 de janeiro de 1186, poderá corresponder ao dia em que se sagrou a obra românica. Por uma questão de prestígio, esta cruz de sacração e inscrição ou foram mantidas no local original, ou foram reaproveitadas para atestar a ancestralidade da fábrica românica.

Do alçado este da igreja não temos grande legibilidade, porque além de confinante com a rua da Couraça dos Apóstolos, tem adossadas diversas construções. A parede testeira da abside, já da época moderna, encontra-se caiada de branco, tem rasgado um amplo janelão retangular, gradeado, e destacam-se os cunhais em calcário. O alçado norte da igreja está totalmente oculto por edificações, enquanto que o sul, é em parte perceptível pela estreita rua de São Salvador. São os alçados da sacristia e da capela dos Barros, ambos da época moderna, que se veem a partir deste estreito arruamento.

A fachada oeste, apesar de profundamente transformada durante a época moderna, conserva ainda o seu portal, também ele transformado, sobrepujado de cornija. Este destaca-se pela permanência do calcário que contrasta com o caiado branco dos paramentos que o ladeiam e com os vários elementos do registo superior da fachada, resultantes da transformação encetada durante o século XVII. Ao modo de outros modelos da cidade de Coimbra, o portal estaria enquadrado por corpo avançado, aspeto apenas perceptível em planta. O arranjo da fachada avançou os paramentos laterais à mesma, dando-lhe uma outra leitura e alinhando assim todo o conjunto, à face da rua. O portal está elevado em relação à mesma, acedendo-se a este através de escadas que compensam a diferença de cotas. Composto por duas arquivoltas, ornadas por arcos torais, tal como acontece na próxima igreja de Santiago, o conjunto apresenta arco envolvente ornado com folhas de acanto que parecem envolver um toro. As impostas são lisas, ou porque tardias, ou porque resultantes de substituição realizada por ocasião da obra de transformação da

Interior. Perspetiva geral a partir do lado ocidental



*Capitéis da abside**Capitéis da nave e da abside*

fachada, momento em que se substituiu igualmente a porta de acesso ao interior por uma de feição classicizante. Os capitéis são tardios, porque estreitos e esguios, com escultura vegetalista presa ao seu cesto. Os fustes das colunas são cilíndricos, com exceção do interior, do lado norte, facetado e ornado com motivos florais e animalistas. Variados e ricos são os motivos da cornija românica que persiste na fachada. Além de figuras geométricas, como enxaquetados ou enrolamentos, vemos motivos vegetalistas, animalistas e antropomórficos.

No interior da igreja devemos destacar, além da espacialidade do corpo das naves, a plástica dos capitéis das colunas e pilares que as delimitam. Aqui, os temas são tendencialmente vegetalistas e animalistas. Nestes últimos, aves, figuras híbridas e monstruosas encontram-se na esquina do capitel. O ábaco está bem definido. A plástica atesta a qualidade do estaleiro que trabalhou nesta igreja. Não obstante, alguns autores consideraram ser a sua plástica de menor qualidade que a de igrejas como a Sé-Velha ou Santiago de Coimbra. Já Manuel Real é da opinião de



Interior. Lápide com cruz de sagração e inscrição de 1186 (era MCCXXIII)



Interior. Peças avulsas

que há capitéis nesta igreja cuja matriz gráfica poder ser encontrada em Saint-Sernin de Toulouse (França).

A igreja de São Salvador de Coimbra foi fundada no século XII, substituindo um antigo templo moçárabe que aí existia. A igreja de São Salvador, a par com a igreja de São Pedro, são as únicas que remontam ao período moçárabe em Coimbra.

Muito transformada, a igreja de São Salvador de Coimbra conserva significantes vestígios da época românica que podem ser datados do século XII. Atendendo às suas características estruturais e formais, Nogueira Gonçalves considerou que esta igreja testemunha os recursos do "Românico B" de Coimbra, ou seja, aquele desenvolvido pelos seguidores diretos de Mestre Roberto, mas sem a interferência deste, uma simplificação estrutural do plano de Santa Cruz da mesma cidade. Segundo este autor, a "data média" em que se pode colocar a chegada da vaga de artistas que deu corpo uma unidade formal no românico da cidade de Coimbra é a de 1130.

A igreja de São Salvador de Coimbra foi classificada como Monumento Nacional por decreto de 1910. Em 1941, o templo foi encerrado ao culto e os seus fregueses assistiam às cerimónias na sé. Está inscrita na Zona Especial de Proteção da Universidade de Coimbra - Alta e Sofia, Património Mundial da Humanidade.

Texto: MLB/JL - Fotos: JNG - Plano: SIPA-DGPC

Bibliografia

ALARCÃO, J., 2008, p. 109; BARROCA, M.J., 2000a, Insc. n.º 159 (de 1179), Insc. n.º 179 (de 1186, janeiro, 12); BARROCA, M.J., 2017a, Insc. n.º 181 (de 1179), Insc. n.º 204 (de 1186, janeiro, 12); BOISSELLIER, S., 2012, p. 174; BOTELHO, M.L., 2013b, pp. 481-513 e 493-495; CALDERÓN, C.L., 2020, pp. 115-147; COSTA, A., 1929-49, V, p. 609; CORREIA, V. e GONÇALVES, A.N., 1947, p. 29; GEPIB, 1935-60, VII, p. 81; GONÇALVES, A.N., 1938, pp. 134, 152 e 158; LACERDA, A., 1942-53, I, p. 283; MEM. PAROQ. 1758 (2011), pp. 512-519; REAL, M.L., 2001a, p. 48; ROSAS, L.M.C., 1995, II, p. 450; RODRIGUES, M.A., 2000, p. 284; SIPA.

